

O papel social do museu etnográfico

Mariana Pereira

Universidade do Porto

Resumo: Hoje em dia, um museu é um elemento cada vez mais fundamental não só na transmissão e preservação de conhecimentos, como também na dinamização social e regional. Neste artigo, decidimos partir do ponto de vista do visitante e abordar alguns museus em Portugal que se apelidam de etnográficos. Geralmente, um Museu Etnográfico realça e divulga um conjunto de práticas e saberes que faziam, e fazem, parte da identidade de um conjunto de pessoas. Se, por um lado, alguns saberes ainda estarão presentes na sociedade, outros podem ser conhecidos por uma minoria ou mesmo já ter sido abandonados e esquecidos.

Deste ponto de vista, o museu poderá adquirir o estatuto de guardião, e pode-se assumir como um mero divulgador, ou então como uma entidade activa no ensino destas experiências. Assim, como é que os Museus Etnográficos escolhem transmitir estes conhecimentos e que tipo de saberes consideram importantes expor e comunicar? Que papel têm estes museus na sociedade e o que poderão fazer perante conhecimentos que consideram ameaçados?

Palavra-Chave: Museus Etnográficos, visitantes, sociedade, práticas e costumes

Abstract: *Nowadays, the museum has become an important entity not only in the transmission and safeguarding of knowledge, but also in the social and regional dynamization. In this paper, we decided to start from the point of view of the visitor. From here, we approached some museums in Portugal that name themselves Ethnographic Museums. Usually, an Ethnographic Museum emphasizes and presents practices and knowledge that were and are part of the identity of a group of people. Although some of this knowledge may still be present in society, other types of knowledge may not be, or may be known by a minority of people.*

From this point of view, the museum can become a keeper and decide to transmit this knowledge, but it can also become an active entity in teaching it. So, how do Ethnographic Museums choose to transmit this knowledge and what kind of knowledge do they consider important to communicate and exhibit? What is the role that these museums have in society? What can they do when faced with certain knowledge they consider to be under threat of vanishing?

Key-words: *Ethnographic Museums, visitors, society, practices and traditions*

Introdução

Neste artigo, procura-se fazer uma breve reflexão sobre o papel que alguns Museus de Etnografia desempenham e podem desempenhar na sociedade portuguesa. Poder-se-á dizer que este tipo de museus se apoia na noção de património etnológico e de etnografia. Esta pode ser entendida como uma etapa no estudo antropológico que se baseia no entendimento da sociedade através da observação directa no terreno, da recolha de informação sobre um determinado contexto sociocultural e da sua descrição (SANTOS, 2002: 71; CARIA, 2003: 5). Carlos Fino, mencionando a ideia de Michael Genzük, refere que “a etnografia é um método de olhar de muito perto, que se baseia em experiência pessoal e em participação” (FINO, [s.d]: 5). A etnografia distingue-se da etnologia pois esta, embora também se inclua na antropologia e seja uma etapa do seu estudo, foca principalmente as culturas de sociedades que não são nacionais e baseia-se na comparação, e não na simples descrição (FINO, [s.d]: 8).

Tradicionalmente, os Museus de Etnografia eram associados à exposição de objectos, por vezes descontextualizados, que retratavam e representavam determinadas facetas de um grupo social (DURAND, 2007: 377). Actualmente, estes museus têm a possibilidade de serem não só espaços culturais de recordação e de exposição crítica, mas também entidades com um papel relevante na transmissão de variados conhecimentos, que podem contribuir para a formação e para o reforço da identidade local (GONÇALVES, 2007: 27).

Segundo as ideias de Fernando João Moreira (mencionadas por J. Primo), a acção museológica deveria visar, entre outros objectivos, a promoção do bem-estar da população, tendo em conta a valorização da identidade local (por exemplo, a valorização dos produtos locais) e a noção de comunidade (por meio de acções que dinamizem e fomentem a criação de laços entre as pessoas) (PRIMO, 2006: 49-51). Como tal, questionámo-nos sobre qual seria o impacto que estes museus têm na sociedade portuguesa, tendo em conta a sua missão de preservar e divulgar vivências e memórias de uma região.

Cabe-nos salientar que partimos do ponto de vista do visitante, pois é para este que os museus se abrem. Por isso, a informação relativa a cada um dos museus abarcados foi obtida através dos panfletos por eles distribuídos e por esclarecimentos orais. Pretende-se, assim, fazer um primeiro esboço da situação actual destes museus e do que eles oferecem.

Os Museus Etnográficos em Portugal: alguns casos de estudo

Como mencionámos, na base deste pequeno trabalho está a ideia de que os museus podem desempenhar importantes papéis enquanto dinamizadores socioculturais e promotores de desenvolvimento local, ao actuarem no contexto das realidades regionais (ver PRIMO, 2006: 48). Assim, quando se procurou conhecer a realidade museológica portuguesa, apoiámo-nos num critério específico: somente foram visitados os museus que se intitulam de etnográficos, e excluíram-se os que, dentro da sua exposição, apresentam objectos etnográficos mas não se intitulam como tal (por exemplo, os Museus Municipais).

Tentaram-se seleccionar museus localizados em diferentes regiões e realidades sociais. Os principais pontos tidos em conta durante a visita foram a localização do museu (tipo de edifício, localização espacial dentro da cidade, acessibilidades), o âmbito (que tipo de vivências e conhecimentos explora), o tipo de exposições que tem e como se organizam (a renovação, os discursos), e o tipo de actividades que desenvolve. Embora não sejam os únicos pontos importantes, foram os mais relevantes para este primeiro ensaio sobre o papel social dos Museus Etnográficos portugueses.

Mais concretamente, abarcam-se o Museu Nacional de Etnologia, o Museu Arqueológico e Etnográfico de Setúbal, o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa do Varzim, o Museu Etnográfico da Murtosa, o Museu Etnográfico de Válega, o Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques e o Museu Rural Etnográfico “Casa do Lavrador”.

O museu de maior abrangência (em termos de objecto de estudo) incluído neste trabalho é o Museu Nacional de Etnologia. Embora não se dedique somente ao estudo da sociedade portuguesa, ele continua a ocupar uma posição importante no estudo etnográfico nacional.

O Museu Nacional de Etnologia (Lisboa) está instalado num edifício concebido para o efeito desde 1975 e localiza-se dentro da malha urbana, perto de Belém (sendo facilmente acedido por transportes públicos e privados). Ao longo da existência do museu foram conduzidas investigações e recolhas profundas no território português, com o objectivo de identificar objectos e fazer inquéritos sobre os contextos em que se inseriam. A diversidade e a importância destes estudos no âmbito da Antropologia Portuguesa reflectem-se nas exposições que foram feitas, nas monografias e catálogos editados e vendidos na loja do próprio museu ou nos livros apresentados na sua biblioteca (que está aberta ao público).

Através dos objectos expostos, o museu procura (para além da função de investigar, conservar e difundir) redesenhar-se enquanto espaço de criação de formas de auto consciência modernas e de desenvolvimento sociocultural do meio onde se insere. Os desafios conceptuais e metodológicos que surgem aquando da proposta e preparação das exposições levaram à adopção de um discurso de reflexão, onde se questiona o próprio visitante sobre a função e o significado dos objectos expostos no quotidiano das pessoas e sobre quem realmente determina esse significado. Isto foi expresso, por exemplo, na exposição “Exercício de inventário: a propósito de duas doações de olaria portuguesa”, em 2011.

Paralelamente às exposições temporárias (e focando-nos nos objectos relacionados com Portugal), as reservas visitáveis incluíam, em 2011, as “Galerias da Vida Rural”, onde se expuseram e explicaram (por escrito e por fotografias) vários objectos relacionados com a sociedade rural portuguesa.

Os serviços educativos do museu, para além de organizarem as visitas guiadas às exposições e Galerias, contextualizando os objectos, privilegiam o público escolar. Por exemplo, prestam apoio a projectos escolares e organizam actividades que visam orientar os jovens na compreensão e exploração dos objectos e dos espaços do museu, relacionando-os com os interesses das diferentes áreas profissionais e de saber.

O museu tem demonstrado que para além de se associar a eventos relacionados com a museologia (como a celebração do dia Internacional dos Museus, ou a oferta de estágios de formação), apresenta outras iniciativas, como a exibição de filmes de animação e peças de teatro, a realização de concertos, ou servindo de palco para lançamentos de livros (ver a newsletter do Museu e o seu blog²). A cafetaria do Museu pretende igualmente criar um espaço acolhedor. Assim, com este tipo de serviços e de iniciativas, tenta-se convidar a sociedade para o espaço museológico.

2 Ver <http://mnetnologia.blogspot.com/>

Uma abordagem semelhante é seguida pelo Museu Arqueológico e Etnográfico de Setúbal, onde foram organizadas várias conferências relacionadas com a arqueologia e o património, poesia, literatura, fotografia, assim como workshops, pequenos cursos e exposições de temas variados. Paralelamente, o museu edita e apoia a publicação da Revista MUSA (Museu, Arqueologia & Outros Patrimónios), da Revista Setúbal Arqueológica e de outros livros relacionados com arqueologia e com temas etnográficos. Os eventos, que reúnem geralmente muitos visitantes, e a publicação dos livros permitem divulgar e mesmo diversificar o conteúdo exposto no museu, criando diferentes experiências associadas ao espaço.

Localizado no centro de Setúbal, este museu foi aberto em 1976, beneficiando de uma localização central e de boas acessibilidades. Apesar disto, o edifício do Museu não está muito bem assinalado, mesmo sendo uma entidade que se demarca no âmbito cultural da região. Relativamente à exposição etnográfica, os objectos retratam várias vivências locais e estão organizados por diferentes salas e espaços de exposição permanente e temporária. Embora se abordem diversas actividades relacionadas com a subsistência e o quotidiano locais, e se inclua um vasto leque de temas, o museu não apresenta os objectos contextualizados, tratando-os como se não tivessem um passado, nem menciona se a população continua a desempenhar estas actividades e de que forma elas são significantes para a região.

Por outro lado³, o museu tenta destacar-se através dos serviços educativos (ver o site do Museu e o seu blog). São organizados ateliês temáticos dirigidos especialmente ao público escolar e privilegiando o trabalho com os estabelecimentos de ensino. As diferentes actividades baseiam-se numa lógica de aprender fazendo e aprender brincando, reflectindo-se posteriormente na vida das crianças. Por exemplo, uma das iniciativas inseridas no Plano de Actividades intitulado “Arte para Crescer” (que decorreu de Janeiro a Dezembro de 2010) partiu dos trabalhos desenvolvidos no museu pelas crianças e resultou numa exposição no bairro onde elas residiam, impulsionando assim a partilha e a criação de dinâmicas comunitárias. A colaboração do museu em se associar à promoção e divulgação da região em que se insere é demonstrada através da organização de visitas guiadas (mediante reserva), não só ao museu, mas também ao Centro Histórico e a zonas específicas de Setúbal, bem como a outros sítios patrimoniais da região.

3 Ver <http://www.museu-maeds.org>;
<http://maedseventosactividades.blogspot.com.es/>

Um outro museu que estabelece uma ligação com o património da região onde se insere é o Museu Municipal de Etnografia e História da Póvoa do Varzim (distrito do Porto). Este encarrega-se, mediante marcação, de organizar visitas guiadas ao museu, mas também à Cividade de Terroso e à igreja românica de S. Pedro de Rates. Na maior parte do ano, estas visitas costumam ser especialmente frequentadas pelo público escolar, que é igualmente envolvido nas várias acções pedagógicas do museu.

Localizado num edifício antigo do século XVIII⁴, o museu é beneficiado pela sua localização no centro histórico da Póvoa do Varzim. Na sua exposição são abrangidas várias áreas temáticas relacionadas com a região, que transmitem muitos aspectos de um quotidiano recente mas já quase desaparecido. Destaca-se ainda a existência da biblioteca, do amplo espaço para os Serviços Educativos, de duas salas de exposições temporárias, das áreas técnicas e das reservas.

Apesar de se retratarem aspectos da vida local, a qualidade das explicações oscila entre o detalhado e o inexistente, faltando legendas e explicações junto de certos objectos, bem como a relação entre os objectos expostos e a situação etnográfica actual. Há, no entanto, alguma ligação entre o que é mostrado no museu e a cidade: por exemplo, as siglas usadas como registo de propriedade, e apresentadas em vários objectos no museu, aparecem também nas placas que indicam o nome das ruas no centro histórico.

Para além de haver constantes novidades, através das exposições temporárias de diferentes durações, o museu tem promovido cursos livres, conferências e colóquios na área do património. As iniciativas costumam ter grande aderência por parte do público, quer escolar, quer adulto. De entre as actividades que se foram realizando, algumas estão expostas no site da Câmara Municipal, e incluíram o Cortejo e a Feira Renascentistas, a Noite e Dia dos Museus e várias visitas guiadas às exposições. No verão de 2011, recriou-se a antiga época balnear e exploraram-se as tradições locais através de pequenas peças de teatro.

No geral, os museus mencionados apresentam dinâmicas diferentes, algumas mais importantes para a divulgação das colecções etnográficas e para a sociedade do que outras. O exemplo de um espaço cuja dinâmica está mais limitada é o Museu Etnográfico da Murtosa.

4 Ver <http://www.geira.pt/museus/atrio/index.asp?id=23>
<http://www.cm-pvarzim.pt/povoa-cultural/museu-municipal/texto-sobre-o-museu>

Localizado no segundo piso da Junta de Freguesia da Murtosa (distrito de Aveiro), e facilmente acessível à população local bem como a visitantes com viatura própria, o museu é composto por duas salas que retratam as principais actividades de grande parte da população local: a pesca na ria e no mar, e a agricultura, embora esta esteja a decair. Assim, o visitante depara-se com objectos que foram e ainda são utilizados, e que são contextualizados por algumas fotografias, apesar de não haver uma ligação aos seus donos prévios. Havia uma terceira sala de exposições⁵, que retratava aspectos relacionados com a vida quotidiana e a casa tradicional da região. Contudo, a Câmara considerou necessário transformar o espaço num salão nobre, e assim os objectos foram adicionados à já grande reserva do museu. A representação da casa continuou a ser feita pelo Museu Custódio Prado, localizado na região, mas o Museu Etnográfico deixou de lhe fazer alusão.

A exposição assume um carácter permanente, não há uma renovação dos objectos expostos, nem costumam ser organizadas exposições temporárias. Por isso, embora se exponham objectos relacionados com actividades que ainda são exercidas pela população, as pessoas geralmente não visitam o museu regularmente. Como também não são desenvolvidas actividades por parte do museu, o espaço deixou de apelar ao regresso dos visitantes, caracterizando-se quase como um repositório. Esta situação é reconhecida pelos funcionários da Junta que, porém, não são os responsáveis directos do museu (é Câmara Municipal, e não a Junta, que está encarregue de gerir o museu). Este é um caso em que mesmo havendo um conhecimento da situação, todas as acções ficam condicionadas por motivos de gestão, influenciando e reflectindo-se negativamente no museu.

Em contraste, o Museu Etnográfico de Válega não depende de nenhuma Junta nem Câmara. Igualmente localizado no distrito de Aveiro (e de fácil acesso para a população), este museu está sediado na Casa do Povo. A sua criação deve-se ao Grupo Folclórico, composto por pessoas da vila, que surgiu em 1989. Nesta altura, os responsáveis decidiram recolher informações sobre o passado da vila⁶, as suas vivências e costumes. Derivado disto, os diversos materiais recolhidos, inicialmente apresentados em várias Exposições Ento-Folclóricas, levaram à criação do Museu Etnográfico em 1999. Assim, realça-se a ligação entre o Grupo de Folclore e o museu, principalmente porque o grupo tem procurado incentivar a população local a manter as suas tradições, organizando diversas actividades, ateliês e exposições que visam o mesmo (durante essas actividades, os trajés e os utensílios

5 Ver <http://www.igogo.pt/museu-etnografico-da-murtosa/>

6 Ver <http://www.tradicoespopulares.com/cms/view/id/7254>

tradicionais são usados). Em termos internacionais, o museu é representado pelo Grupo Folclórico que, por trajar de acordo com as diferentes tarefas dentro das actividades mais comuns da região, divulga a sua realidade etnográfica.

Os objectos expostos estão distribuídos por vários espaços, que recriam diferentes divisões da casa ou aludem a diferentes temas. A colecção continua a crescer, já que é feito um esforço para recuperar peças doadas, tendo algumas sido recolhidas no lixo. Mas, mais uma vez, os objectos estão desassociados do seu passado, e apesar dos trabalhadores do museu conhecerem as suas histórias e contextos, o visitante só as conhece se perguntar especificamente sobre elas. Em paralelo à exposição permanente, o museu baseia-se numa dinâmica de exposições temporárias (entre os temas, refira-se o milho, o linho, as mezinhas e os brinquedos tradicionais), bem como na abertura ao público de parte da reserva. Vários cursos, organizados pelos Serviços Educativos, relacionam as exposições e os participantes (ver página de Facebook do museu), e a sua duração varia conforme o interesse demonstrado e a duração considerada apropriada. As actividades têm tido uma grande aderência por parte do público.

Uma comissão científica, constituída por profissionais da área de museologia, colabora com o museu, e embora os trabalhadores do museu não sejam formados em museologia, são incentivados a participar em vários cursos de conservação preventiva, o que lhes permite intervir directamente nos objectos e no seu estudo. O espaço é igualmente composto por uma pequena loja onde se vendem livros, vários produtos regionais e artesanais, bem como a música do Grupo de Folclore. Desta forma, tenta-se criar um espaço não só familiar como se tenta apelar ao retorno dos visitantes, especialmente da população local.

A ligação entre os Grupos de Folclore e os Museus de Etnografia foi igualmente identificada no Museu Rural e Etnográfico “Casa do Lavrador”, em Baião (distrito do Porto). Neste caso, o Grupo de Folclore local não só recolheu todo o material necessário, como mandou construir a Casa de raiz e associa-se às actividades que são desenvolvidas, recebendo parte do lucro. É interessante notar que o museu, gerido por pessoas sem formação em museologia, se especializou em recriar vivências. A Casa em si não oferece nenhuma exposição, mas é a recriação de uma antiga casa rural (não possui, por exemplo, electricidade) e dos seus diversos espaços (uma cozinha, uma sala, a loja do vinho e a eira), que podem ser modificados e aumentados à medida que surgem novos interesses e necessidades. Após a reserva, os visitantes são convidados a participar em refeições tradicionais, ou em actividades associadas a diversas fases da agricultura e da vida rural (tal

como o pisar do vinho, a matança do porco, a apanha do milho). Estas acções são desempenhadas tendo em conta os utensílios e os trajes do início do século XX, e a própria propaganda ao espaço baseia-se na “autenticidade”.

Poder-se-ia dizer que este museu perde por ser difícil de encontrar (tendo em conta a má qualidade dos acessos e a falta de sinalização), mas tal não impede de serem feitas muitas reservas e de haver sempre quem queira vivenciar o ambiente recriado pelo museu⁷.

Como se tem verificado, os Museus Etnográficos divergem no tipo de abordagem que têm, e enquanto alguns apresentam vivências a partir de objectos, ou experiências a partir de recriações, no caso do Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques, apresenta-se uma colecção pessoal. Este museu situa-se no mesmo edifício que o Ecomuseu da Serra da Lousã (distrito de Coimbra) e o Posto de Turismo. Para além da exposição etnográfica ser gratuita aos visitantes, a sua localização no centro da malha urbana torna-o bastante acessível.

Como se mencionou, divulga-se uma colecção pessoal, pertencente ao Dr. Louzã Henriques⁸, que não só recolheu materiais da região, como também coleccionou e estudou objectos de todo o país. O valor da representatividade dos objectos (e a sua relação com várias actividades) constituiu a base para a formação de pequenos micro-cosmos dentro do museu. Como tal, os objectos reflectem uma perspectiva expositiva e pessoal (e não local), e são acompanhados por citações explicativas do próprio Dr. Henriques.

Paralelamente, disponibiliza-se um espaço onde a comunidade pode apresentar os seus projectos, enformando assim parte do museu (por exemplo, em 2011 decorreu uma exposição temporária de fotografia, intitulada “Portas de Lousã”, que envolveu estudantes), ou onde se apresentam objectos emprestados por outros museus (como foi o caso da exposição sobre cestaria portuguesa em 2011). Para além destes projectos, aposta-se na “Peça do mês”, o que permite explorar mais pormenorizadamente um objecto que faça parte da colecção do museu. Assim, com estas iniciativas, geram-se motivos para atrair de novo quem já tenha visitado o espaço, e tenta-se familiarizá-lo.

A existência de um auditório e de um amplo espaço para os Serviços Educativos permite que decorram várias actividades e conferências que divulgam os

⁷ Ver <http://www.casadolavrador.org/cdl/tmp/catDetail.asp?cat=171#>

⁸ Ver http://www.cm-lousa.pt/cultura/eco_museu.htm

conhecimentos associados aos objectos do museu e outros tipos de saberes, envolvendo activamente a população local. A relação entre o museu e a comunidade resultou na criação da Liga de Amigos do Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques, que promove também actividades culturais e recreativas.

Algumas considerações sobre o papel social dos Museus Etnográficos

Podem ser feitas algumas observações, tendo em conta a visita aos museus mencionados. Em primeiro lugar, os vários Museus Etnográficos divergem bastante, não só na sua origem, como também em termos de dimensão, de localização, de formas de abordagem, exposição e projecção. A sua localização, em termos geográficos, e a acessibilidade, podem contribuir para uma maior projecção, mas, e como se verificou, não são factores determinantes (como no caso da Casa do Lavrador, em Baião); o facto de se cobrarem, ou não, as entradas pode restringir a quantidade de visitantes, mas também não é um factor que impede a sua visita. Assim, o que poderá ter influência na dinâmica do museu é a forma como ele se relaciona com o visitante, ao fomentar e reforçar a identidade local sem deixar de transmitir conhecimentos ou proporcionar experiências agradáveis e pedagógicas. O carácter dos Museus Etnográficos e a relação que devem estabelecer com as vivências locais são factores que estimulam a sua presença na sociedade. De facto, os vários museus abarcados tentam projectar-se, do ponto de vista sociocultural, de diferentes formas. A dimensão do museu, especificamente a sua abrangência em termos regionais, não parece influenciar o papel que ele poderá desempenhar em termos sociais e culturais, como demonstra o Museu Etnográfico de Válaga. Por sua vez, cada museu explora e divulga a etnografia de maneira diferente: alguns pela exposição de objectos comuns (Museu Nacional de Etnologia ou o Museu Etnográfico da Murtosa), outros pela exposição de uma colecção pessoal (Museu Etnográfico Dr. Louzã Henriques), ou mesmo pela oferta de experiências diferentes (Museu Rural e Etnográfico “Casa do Lavrador”).

De forma a estabelecerem uma relação entre a região onde se inserem e o seu papel de divulgarem e reforçarem a identidade local, vários dos museus apostam em:

- trazer novidades ao espaço, através da “Peça do Mês”, ou através de exposições temporárias, por exemplo. Estas exposições podem envolver trabalhos de habitantes ou escolas locais, bem como peças de outros museus;
- envolver, através de actividades, vários tipos de público e reforçar a ligação entre a colecção etnográfica e a população (salienta-se a criação de grupos associados ao espaço, como a Liga dos Amigos do Museu);
- colaborar com projectos escolares, divulgando posteriormente os resultados dessas actividades no seio da comunidade;

- abrir o espaço do museu à sociedade, pela realização de vários tipos de eventos, quer associados à exposição, quer associados a outros assuntos

É relevante notar que os Grupos de Folclore estão relacionados com a criação de alguns dos museus. Estes Grupos desempenham importantes papéis não só porque recolhem objectos para o espaço museológico e participam nas suas iniciativas, mas também porque divulgam o património e os costumes locais quando actuam noutras cidades. Já na segunda metade do século XX vários escritores abordaram a importância destes grupos na documentação das formas de vida regionais, salientando a relação entre eles, a etnografia e as Casas do Povo (ver PEREIRA, 2009 [1965]: 35)

É igualmente importante a cooperação, por parte de alguns museus (como o de Setúbal e o da Póvoa do Varzim), na divulgação do património da região, especialmente através da realização de visitas guiadas e do apoio à publicação de revistas e de livros.

Apesar do panorama parecer optimista, na realidade o papel que os Museus Etnográficos poderiam desempenhar é minimizado por diversos factores: o simples facto de não estarem abertos desmotiva os visitantes. Referimo-nos, por exemplo, ao Museu Etnográfico do Porto, que pretendíamos incluir no trabalho. No entanto, este encontra-se encerrado, e alguns dos seus objectos estão agora no Museu Etnográfico da Póvoa do Varzim. Tendo em conta que o Porto é um dos maiores núcleos urbanos de Portugal, fica em aberto a questão sobre qual será o efeito, na sociedade, da ausência de uma entidade museológica que se dedique especificamente à etnografia da região.

A influência de motivos externos pode-se reflectir no envolvimento que o museu poderia ter, como é o caso do Museu Etnográfico da Murtosa, sendo transmitida uma imagem negativa da instituição.

No caso do Museu Nacional de Etnologia, Jean-Yves Durand comentou que devido a constrangimentos financeiros, este tornou-se um espaço receptor de exposições temporárias. Apesar da qualidade destas exposições, elas não seguem nenhum discurso problematizado sobre Portugal. Por um lado, este museu está numa posição privilegiada para impulsionar formações, e coordenar a proliferação de projectos museológicos associados à etnografia. Mas estes projectos deveriam basear-se na cooperação entre os vários Museus de Etnografia, permitindo assim desenvolver um discurso crítico e desafiante. Isto não se verifica na maioria dos

museus, apesar de haver troca de objectos. Além disso, a cooperação poderia compensar o que o autor aponta como uma certa falta de estratégia museológica regional (DURAND, 2007: 382).

A falta de renovação das exposições, dos discursos e dos objectos expostos diminui a informação que é transmitida, e conseqüentemente o interesse do público. Paralelamente, é por vezes mencionado que os Museus Etnográficos apresentam bastantes semelhanças em termos dos objectos que exploram (ver BRANCO, 2008: 2). O que se observa, e como Sérgio Lira comentou (LIRA, 1999: 3, 4), é que foi dada mais importância ao objecto, e não tanto às pessoas e às memórias a ele associadas. Os objectos eram agrupados segundo as suas antigas funções, mas, e como se mencionou na Introdução, despersonalizados e descontextualizados. Esta forma de expor continua a ser visível, criando a sensação de que os objectos expostos são semelhantes nos vários museus. Embora haja actualmente um maior interesse pela memória associada ao objecto, muita informação foi perdida, e esta é talvez uma das maiores lacunas nos Museus Etnográficos.

Uma outra lacuna visível está na ausência de uma ligação entre as actividades gerais (semelhantes por todo o país) e as especificidades regionais. Os Museus Etnográficos podem e devem apostar na diferença, relacionando o que é descrito e exposto no museu com a realidade social dessas actividades e desses materiais não só no passado, mas principalmente hoje em dia. Uma vez que os vários museus se inserem em contextos sociais diferentes, esta seria uma forma de os relacionar com esses contextos. Por isso, apesar de apelarem a um reforço da identidade, essa identidade é muitas vezes baseada em vivências do passado, e não em práticas do presente. É preciso re-territorializar na sociedade contemporânea as actividades retratadas, e não somente descrevê-las (ver BRANCO, 2008: 3), podendo até dar-se maior visibilidade pública e social de situações culturais que possam ser mais desconhecidas ou estar fragilizadas (CARIA, 2003: 9).

A pequena repercussão externa poderá igualmente indicar que transmitir conhecimentos etnográficos em museus pode não ser sempre a forma adequada de explorar o estilo de práticas que se retratam. No entanto, esta situação variará conforme o contexto e o tipo de abordagem que se pretende.

Para finalizar, deveremos reflectir no que se espera que seja o papel dos museus etnográficos no seio da sociedade. Deverão ser simples repositórios de tradições, ou poderão ajudar a fortalecer e mesmo desenvolver essas tradições? Neste trabalho, a opinião é de que os museus etnográficos não são somente compostos pelos objectos que expõe, mas sim pelas pessoas e todos os conhecimentos que, através desses objectos, estão nele representados. As pessoas são o mais

importante, e por isso o Museu Etnográfico deveria estabelecer a relação entre os objectos e o que eles significam no seio das nossas práticas, e para as pessoas envolvidas. Consideramos, então, que este trabalho representa um esboço para uma futura investigação mais abrangente sobre os Museus Etnográficos em Portugal, e sobre o papel que eles podem desempenhar na nossa sociedade.

Referencias Bibliográficas.

BRANCO, José Freitas [2008] Significados esgotados: sobre museus e colecções etnográficas [Online]. Lisboa: Anikulegi. Disponível em: <http://repositorio.iscte.pt/handle/10071/1147> [Acedido no dia 4.08.2011].

CARIA, Telmo H. (2003) A construção etnográfica do conhecimento em Ciências sociais: reflexividade e fronteiras [Online]. In Experiência etnográfica em Ciências Sociais. Porto: Afrontamento. Capítulo disponível em: http://home.utad.pt/~tcaria/actividades_interesses/metod_etno_cs.htm [Acedido no dia 4.08.2011]

DURAND, Jean-Yves (2007) Este obscuro objecto do desejo etnográfico: o museu [Online]. Etnográfica, nº 1. Pp. 373-386. Disponível em: http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0873-656120070002&lng=pt&nrm=iso [Acedido no dia 3.08.2011].

FINO, Carlos Nogueira [s.d] A etnografia enquanto método: um modo de entender as culturas (escolares) locais [Online]. Universidade da Madeira. Disponível em: www3.uma.pt/carlosfino/publicacoes/22.pdf [Acedido no dia 20.11.2011]

GONÇALVES, José Reginaldo Santos (2007) Antropologia dos objectos: colecções, museus e patrimônios [Online]. Rio de Janeiro: Coleção Museu, Memória e Cidadania. Disponível em: http://nau.ufsc.br/files/2010/09/antropologia_dos_objetos_V41.pdf [Acedido no dia 11.12.2011].

LIRA, Sérgio (1999) Colecções etnográficas e museus etnográficos: objectos e memórias da cultura popular [Online]. Maia: Comunicação apresentada no Congresso de Cultura Popular. Disponível em: <http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/culturamaia99.htm> [Acedido no dia 2.08.2011].

PEREIRA, Benjamin Enes 2009 [1965] Bibliografia analítica de etnografia portuguesa [Online]. Portugal: Instituto dos Museus e da Conservação. ISBN 978-972-776-401-3. Disponível em: <http://www.imc-ip.pt>. [Acedido no dia 20.11.2011]

PRIMO, Judite (2006) A importância dos museus locais em Portugal [Online]. Cadernos de Sociomuseologia, Nº25. Pp. 41-62. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/422> [Acedido no dia 20.11.2011]

SANTOS, Armindo dos (2002) Antropologia geral: etnografia, etnologia, antropologia social. Lisboa: Universidade Aberta. ISBN 978-972-674-383-5